
Imigração e trabalho: a presença italiana em Porto Alegre, no pós-guerra (1946-1976)

Immigration and work: the italian presence in Porto Alegre, in the post-war (1946-1976)

Leonardo de Oliveira Conedera*

Resumo: O presente artigo pretende contextualizar a imigração italiana no período do pós-guerra (1946-1976), a partir do estudo de caso de Porto Alegre. Destacar-se-ão aspectos particulares, como a questão das redes sociais estabelecidas entre os emigrados, que viabilizaram o fluxo peninsular para a capital gaúcha. Além disso, serão apresentados nichos econômicos e atividades laborativas constituídas pelos imigrantes na sociedade receptora.

Palavras-chave: Imigração italiana; Porto Alegre; redes sociais.

Abstract: This article seeks to contextualize the Italian immigration in the post-war (1946-1976) from the case study of Porto Alegre. It will highlight particular aspects, such as the issue of social networks established among the emigrants, who enabled the flow to city. Furthermore, it will provide the economic niches and work activities constituted by immigrants in the receiving society.

Keywords: Italians immigrants; Porto Alegre; social networks.

Os estudos a respeito da imigração italiana, em relação ao período do pós-guerra, são escassos tanto no Brasil como na Itália. A pesquisadora italiana Andreina De Clementi destaca que inúmeras bibliotecas já ficaram lotadas devido a pesquisas acerca da imigração italiana no período da grande emigração, que compreende os anos pós-unificação até o início da Primeira Guerra Mundial. Todavia, muito pouco foi investigado sobre a fase que registrou o segundo maior êxodo emigratório na península. (2010, p. 3).

* Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). *E-mail:* leocone5@hotmail.com

Neste texto, em primeiro lugar, contextualizar-se-á a imigração italiana no pós-guerra; posteriormente, será destacada a presença dos peninsulares em Porto Alegre e suas especificidades; e, por fim, serão analisadas as atividades profissionais desenvolvidas pelos imigrantes neste período (1946-1976), na capital gaúcha.

Italianos no pós-guerra, no Brasil

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, a situação da Itália era péssima. A destruição causada pelo conflito, somada aos problemas legados pelo governo fascista, que se manteve por mais de duas décadas no poder, contribuíram para o difícil contexto.

A emigração, na Península Itálica, recebeu grande impulso após o fim da guerra. Os problemas políticos, econômicos, sociais e infraestruturais presentes no país após o conflito favoreceram o reinício das partidas.

Entre os anos de 1946 e 1976, abandonaram a Itália, aproximadamente, 7.447.370 indivíduos. O êxodo começou, inicialmente, nas regiões¹ do Norte da península (principalmente no *Triveneto*).² Posteriormente, o fluxo começou de forma intensa também no *mezzogiorno*,³ que compreendia as regiões mais populosas do país. (DE CLEMENTI, 2010, p. 4).

Terminada a Segunda Guerra Mundial – que interrompeu os deslocamentos durante a vigência dos conflitos – a imigração peninsular recomeçou. O Brasil acolheu 12,6% dos peninsulares imigrados para a América Latina no período do pós-guerra. (TRENTO, 1989, p. 408). Trento (1989, p. 409) destaca que o fluxo de emigrantes da Itália poderia ter sido mais consistente, especialmente durante os primeiros anos posteriores à guerra, “se um acordo emigratório entre os dois países tivesse sido firmado a tempo”.

No âmbito diplomático entre Brasil e Itália, a questão da imigração era frequentemente discutida. Os dois governos visavam a viabilizar tratados para promovê-la; entretanto, o entendimento demorou muito para se efetivar. O primeiro Acordo de Migração, de 5 de julho de 1950, foi débil e pouco proveitoso. Além disso, somente em 1960 outro Acordo de Migração foi realizado, mas entraria em vigor somente cinco anos depois de sua assinatura. (CERVO, 1992).

As normas restritivas decretadas em 1934 foram abolidas em 1948. Logo, o governo brasileiro restaurou a liberação para o recebimento de fluxos imigratórios de outros países. (TRENTO, 1989).

Nas relações envolvendo os governos brasileiro e italiano, as adversidades para o melhor entendimento deviam-se ao período da guerra, quando os países se encontravam em lados opostos. As primeiras iniciativas de conciliação aconteceram por meio de um acordo de cooperação econômica em 1950. (CERVO, 1992). Cervo (1992, p. 207) comenta que “a idéia de associar intimamente a cooperação econômica à imigração tropeçou nos controles que os diversos órgãos da administração exerciam sobre a primeira e nas dificuldades da segunda”.

É importante salientar que o Acordo Emigratório de 1950 visava a duas modalidades de emigração: *individual* (baseada em atos de chamada e ofertas de trabalho), através de grupos e cooperativas (sobretudo de colonização agrícola), e outra *dirigida*. O tratado firmado previa que o Brasil forneceria regularmente pedidos de mão de obra divididos por profissão. (TRENTO, 1989).

O órgão do governo brasileiro responsável pela imigração era o Conselho de Imigração e Colonização (CIC).⁴ Dentre as exigências do CIC, o imigrante deveria gozar de boa saúde física e mental. Então, a maioria dos estrangeiros precisou passar por seleções médicas. As pessoas passavam pelos exames em seu próprio país e precisavam da liberação médica para embarcar. (FACCHINETTI, 2004).

A capacitação profissional também era uma das exigências que a maioria dos indivíduos precisava comprovar para imigrar, especialmente aqueles que o fizeram através do Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (Cime).⁵

O Cime cooperou para a imigração *individual* e a *dirigida*. Os deslocamentos dirigidos destinavam-se, principalmente, para núcleos rurais. Todavia, o órgão enfrentou inúmeras dificuldades para estabelecer uma imigração agrícola assalariada, pois o Brasil não apresentava uma estrutura adequada. (TRENTO, 1989). Trento frisa:

O CIME cuidava, na Itália, da seleção técnica, controlando se a qualificação dos aspirantes correspondia a uma das profissões requisitadas. Chegava-se, assim, à compilação de uma lista, em cujo âmbito as empresas de além-mar podiam escolher os nomes que pareciam mais adequados às suas necessidades, mediante pagamento de uma pequena soma reembolsável, se, após um período de experiência de sessenta dias, o operário não tivesse proporcionado resultados satisfatórios. (1989, p. 416).

Entre 1952 e 1958, o Cime viabilizou a entrada de 72.277 imigrantes no Brasil: 48.269 italianos, 5.435 gregos, 4.791 espanhóis, 3.299 alemães, 2.936 austríacos, 1.548 holandeses e 5.999 de outras nacionalidades. Nesse período, o mesmo órgão também promoveu o deslocamento de 855 mil indivíduos. (CENNI, 1975). A maioria dos imigrantes que desembarcaram no país era agricultores. Entretanto, 15,7% dos indivíduos eram técnicos qualificados. O grupo italiano colaborou com o maior contingente de operários qualificados. (DIÉGUES JUNIOR, 1964).

A maior parte dos imigrantes vindos durante o pós-guerra era constituída por homens que tinham entre 18 e 40 anos de idade. Além disso, em 1951, 4.831 italianos chegaram no Brasil. Dentre os emigrados, 4.090 (84,68%) eram alfabetizados. No pós-guerra, os imigrantes vinham com uma escolaridade maior que a de seus patrícios desembarcados no fim do século XIX. A maioria tinha concluído o Ensino Fundamental e sabia ler e escrever. (FACCHINETTI, 2004). Por isso, entre outros motivos, Trento enfatiza que

o emigrante do pós-guerra não se parecia em nada com o de décadas atrás; ele era portador de exigências bem diferentes e tinha consciência de seus direitos e uma dignidade humana totalmente desconhecidas dos trabalhadores que abandonaram a pátria no início do século. (1989, p. 421).

Imigração italiana em Porto Alegre no pós-guerra

No pós-guerra, novas levas de italianos ingressaram no Brasil. Assim, outros peninsulares começaram a fazer parte da sociedade rio-grandense. Através da certidão de casamento pode-se averiguar uma amostragem sobre os imigrantes que chegaram a Porto Alegre.

A partir de pesquisa no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (Apers), encontraram-se 466 certidões em que ao menos um dos cônjuges era oriundo da Itália entre 1955 e 1975. A maior parte dos documentos⁶ apresenta a proveniência (cidade ou província natal) dos italianos.

Em Porto Alegre, o maior contingente de peninsulares era originário do *mezzogiorno*. Dentre os imigrantes meridionais destacam-se, quantitativa e respectivamente, os provenientes de três Regiões: *Calabria* (127 certidões), *Campania* (58 certidões) e *Sicilia* (50 certidões). Nos registros matrimoniais, também se descobriu, em menor número, oriundos de *Abbruzzo*, *Puglia*, *Basilicata* e *Sardegna*.

Nas certidões matrimoniais ainda se observa a existência de indivíduos da Itália central, especialmente de Roma (das províncias de *Roma* e *Viterbo*) e da *Toscana* (províncias de *Firenze* e *Lucca*). Os indivíduos da Itália setentrional aparecem em menor quantidade se comparados aos sulistas. A maioria deles veio das Regiões do *Veneto*, da *Lombardia* e *Emilia-Romagna*.

A análise das certidões permite inferir que grande parte dos italianos era do sexo masculino e proveniente do Sul da Itália; inúmeros imigrantes tinham familiares residentes na capital gaúcha (especialmente no caso das mulheres).

Outra fonte explorada durante a pesquisa foram as fichas do *Istituto di Assistenza Sociale degli Italiani (Iasi)*.⁷ A entidade, desde sua criação, em dezembro de 1986, assiste expatriados italianos em dificuldade (financeira, de saúde). Analisando-se os dados, verificaram-se as mesmas inferências dos encontrados nos registros matrimoniais: na área urbana, Porto Alegre e na Região Metropolitana, o maior contingente de imigrantes proveio da Itália meridional, enquanto, no interior do estado, a maior parcela dos assistidos pelo órgão é originária das regiões setentrionais.

A apreciação dos registros matrimoniais, as fichas do Iasi e a narrativa dos entrevistados apontam que, após o fim da guerra, diversos peninsulares entraram no Brasil e se dirigiram à capital gaúcha, porque havia familiares e/ou amigos. Dessa forma, a imigração espontânea predominou para ingresso de italianos no País, no período do pós-guerra. (CONEDERA, 2012).

É importante salientar que a maioria dos peninsulares, que se fixaram em Porto Alegre desde o último quartel do oitocentos, era proveniente do *mezzogiorno*. (CONSTANTINO, 2007). Desde o século XIX, a capital gaúcha recebeu imigrantes que se deslocavam através do chamado de seus patrícios que se encontravam no núcleo urbano.

A imigração espontânea era fomentada, muitas vezes, pelos próprios peninsulares residentes no Brasil. O motor das emigrações, muitas vezes, é motivado pela própria emigração. Franco Ramella (2002, p. 143) destaca que “a ativação por parte dos indivíduos e das famílias, como elos mais ou menos selecionados pelas redes sociais que são a parte reguladora do movimento, o organiza, o canaliza para certas direções e não a outras”.

Os meridionais residentes em Porto Alegre compartilham um conjunto de relações, isto é, cada imigrante representa um elemento importante na rede social⁸ estabelecida entre ele e seus compatriotas que vivem na cidade. As redes sociais são alicerçadas pelas relações de solidariedade e confiança.

Normalmente, a família é a base da rede de solidariedade, visto que ela representa o grupo social do indivíduo. (LOMNITZ, 2009).

O uso dos termos *cadeia* e *rede* busca sublinhar a condição de que diversos imigrantes deslocam-se depois de se inteirarem, sobre os ensejos e adversidades com aqueles que imigraram anteriormente. (TRUZZI, 2008).

Outra particularidade presente nas redes sociais que alimentam a imigração é o grau de confiabilidade, ou seja, o indivíduo se desloca porque acredita no que foi dito a ele pelo parente ou amigo. Oswaldo Truzzi (2008, p. 206) lembra que “cada informação sobre um indivíduo em sua trajetória influencia o sistema como um todo. [...] Os contatos pessoais tornam-se mais importantes, porque são mais confiáveis do que as informações não pessoais”.

Apesar de alguns amigos emigrados sustentarem a transferência de outros patrícios para o Brasil, na maior parte das vezes, as pessoas interligadas por laços parentais (irmãos, tios, primos) eram as responsáveis pela ação de incentivar a imigração dos parentes para Porto Alegre.

O aparato da rede também intervinha no processo de adaptação. Os indivíduos, que imigraram demoravam para se ambientar à nova sociedade. Assim, os recém-chegados manifestavam insatisfação, e os familiares responsáveis pela sua vinda os consolavam e os incentivavam, para não se abaterem com as dificuldades dos primeiros anos. Maria Mancuso narra:

Quando chegamos estranhámos, e também meus pais chegaram aqui sem dinheiro. Então, eles chegaram aqui sem dinheiro, sem saber falar, vieram então se “aventurar”. Tanto que 3 anos depois que chegamos aqui o meu pai queria ir embora. [...] Mas como os meus tios imploravam, e explicavam para ele ficar. Até porque não era fácil de conseguir um emprego e de se manter aqui.⁹

Além de incentivar e confortar, os parentes que enfrentavam os infortúnios dos tempos iniciais, os responsáveis pela vinda de outros conterrâneos, eram um ponto de referência em que os recém-chegados se apoiavam.

Portanto, os incentivadores e, ao mesmo tempo, membros da rede migratória, eram responsáveis por uma série de questões (recursos financeiros, informações sobre a sociedade de destino, adaptação), que envolviam o sistema de relações que sustentava a rede.

A imigração em cadeia através das redes sociais não foi uma peculiaridade da coletividade italiana de Porto Alegre. Nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, evidenciou-se a imigração instigada por peninsulares que se transferiram anteriormente à Segunda Guerra, ou mesmo pelos indivíduos que vieram nas primeiras levas do pós-guerra.¹⁰

A imigração italiana para determinadas áreas do Brasil, como para outras áreas do globo, aconteceu no período do pós-guerra, em vista da reativação das redes migratórias preexistentes. Vittorio Cappelli, em seus estudos sobre a imigração de peninsulares às áreas periféricas da América Latina, elucida:

Essa emigração espontânea é constituída frequentemente por correntes migratórias que partem de uma pequena área na Itália meridional, no limite entre as províncias de Cosenza, Potenza e Salerno, portanto entre três regiões italianas: Calábria, Basilicata e Campânia. Trata-se de uma parte do Apenino meridional, onde o fenômeno da emigração para as Américas manifesta-se de forma precoce, já a partir da década de 1860, estimulando uma ativa experiência de mobilidade, relacionada a hábitos dos vendedores ambulantes e, sobretudo, ao articulado mundo dos artesãos: douradores, artífices em estanho e em cobre, cinzeladores, prateiros, ourives, caldeireiros, fabricantes de instrumentos de corda, tintureiros, alfaiates, sapateiros. (2007, p. 10).

Como refere o Professor Cappelli, os italianos apresentavam, desde o século XIX, uma cultura imigratória. Isto é, os deslocamentos de peninsulares em meados do século XIX para determinadas localidades seria um dos fatores que contribuíram direta ou indiretamente para as imigrações posteriores. Em Porto Alegre, por exemplo, desde a década de 90 (século XIX), observa-se a presença de calabreses de *Morano Calabro* e sicilianos de *Leonforte* dentre os meridionais residentes na cidade. (CONSTANTINO, 2007).

O trabalho italiano na capital

É importante referir que os imigrantes chegaram e viram um cenário favorável, visto que existia uma alta demanda de mão de obra, especialmente a qualificada. Na primeira metade do século XX, a capital gaúcha demonstrou um elevado crescimento urbano associado à ampliação do seu parque industrial, vinculada à rede de transportes de médios e longos trajetos

(navegação fluvial, ferrovia e aviação civil). O distrito industrial – formado, inicialmente, pelos Bairros Navegantes e São João,¹¹ e que com o tempo englobou toda a zona norte da cidade – concentrou a expansão populacional de Porto Alegre nessa fase. (FORTES, 2004).

A partir da década de 40 (século XX), a capital começou a transição para a moderna metrópole. O crescimento demográfico de 1940 a 1950 foi de 45%, ou seja, nesse decênio a população aumentou de 272 mil para 394 mil habitantes. (SILVA, 1996).

O início da Segunda Guerra Mundial provocou a aceleração do desenvolvimento em Porto Alegre, cujo resultado apareceu na década de 50. A impossibilidade de importação de bens de consumo, que acabaram eliminados em razão do conflito, favoreceu o surgimento de novas indústrias na cidade. (SILVA, 1996). O município foi o maior núcleo de desenvolvimento industrial no Estado do Rio Grande do Sul. A capital acolheu o maior contingente de operários do estado. (SINGER, 1968).

Em 1940, Porto Alegre concentrava mais de 270 mil habitantes. A capital era a quinta cidade mais populosa do Brasil. (SOARES, 2007). Paulo Roberto Rodrigues Soares aponta que

a imigração internacional no século XX (de alemães, italianos, portugueses, espanhóis, sírio-libaneses, judeus, ingleses, poloneses) trouxe ao estado número significativo de comerciantes industriais, profissionais liberais e operários qualificados, dos quais muitos se constituíram em importantes agentes empreendedores e inovadores em terrenos econômicos, sociais e culturais. (2007, p. 300).

Os Municípios de Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, São Leopoldo e Caxias do Sul tinham as principais casas comerciais, industriais, de manufatura, além de um comércio de exportação e importação e uma grande parcela da construção civil (prédios, edifícios e habitações de luxo) vinculados ao trabalho e à atuação de imigrantes. (SOARES, 2007).

Com o crescimento urbano, a economia porto-alegrense deixou de circular apenas no centro da cidade. Novos bairros surgiram com aspecto de metrópole. Márcia Andréa Schmidt da Silva (1996) frisa que “os bairros operários, por exemplo, passam a reunir o comércio, indústria e moradias. Nestes, desenvolvem-se todas as atividades sociais das quais necessitavam

os contingentes de trabalhadores. Trata-se de um crescimento funcional para a cidade”. (p. 57).

A oferta de emprego, advinda do crescimento industrial na zona norte, possibilitou a atração do fluxo migratório internacional e do interior do estado. Alexandre Fortes destaca:

As levas de alemães e italianos e para a intensificação da vinda de cidadãos dos mais variados países do Leste europeu. [...] Os trabalhadores trazidos à capital em função dos trabalhos de expansão na Viação Férrea. Estabelecendo moradia próxima as fábricas, abrindo as ruas e loteando as antigas chácaras, a fixação desses migrantes levou à integração, na paisagem urbana de Porto Alegre, de um bairro operário multiétnico: o Navegantes-São João, que logo viria a ser administrativamente definido como núcleo do Quarto Distrito da cidade. (2004, p. 39).

Assim, no período do pós-guerra, os italianos transitavam, especialmente, nas áreas centrais do município e nas imediações da zona norte, pois, nesses lugares, localizavam-se as residências e os locais de trabalho.

O desenvolvimento evidenciado em Porto Alegre, entre as décadas de 40 e 70, levou à ampliação do sistema viário. Aconteceram aterramentos no Guaíba, a área urbana expandiu-se em superfície. O gradativo aumento dimensional causou a corrida imobiliária. Os loteamentos dos operários próximos dos seus trabalhos contribuíram para o crescimento do setor da construção civil. (SILVA, 1996).

A partir da década de 40, portanto, Porto Alegre prosseguiu crescendo em população e infraestrutura para se adequar ao aumento populacional ocasionado pelas migrações internas e mesmo pelas internacionais. Os migrantes vislumbravam perspectivas de trabalho, visto que os setores industriais, comerciais, de serviços, entre outros, apresentavam uma elevada demanda em detrimento ao período de desenvolvimento que a capital atravessava.

Os italianos vinham ao Brasil em busca de melhores perspectivas de vida e de trabalho, visto que, após a guerra, a situação de vida na Itália ficou muito difícil. Antonino Vinciprova¹² comenta: “A motivação da viagem é porque lá [Leonforte] não havia oferta de trabalho. Então, nós viemos para cá, a fim de melhorar a vida! Trabalhando. [...] Viemos em busca de melhores oportunidades, porque lá [Leonforte] não havia trabalho.”

A indústria porto-alegrense desenvolveu-se na zona norte do município. Desde o segundo decênio do século XX, o Bairro Navegantes concentrava um grande número de fábricas. (FORTES, 2004). Em 1940, a capital reunia 25% da indústria do Rio Grande do Sul. A produção fabril porto-alegrense era diversificada, destinando-se tanto para o mercado regional, como para o nacional. (SINGER, 1968).

A partir dos anos 50, no Quarto Distrito, ocorreu uma expressiva disseminação de indústrias de grande e médio portes. As fábricas não ocupavam somente as imediações dos Bairros Navegantes e São João, pois elas começaram a se deslocar também para outros bairros mais ao norte da cidade.

Uma característica constante na trajetória profissional dos peninsulares foi a mobilidade nas suas atividades laborais. Isto é, os imigrantes trocavam de empresa ou mesmo de ofício, porque sempre buscavam melhores oportunidades de trabalho (com maior remuneração, outro tipo de ocupação) das que lhes eram oferecidas.

Entretanto, é importante destacar que a maior parte dos imigrantes italianos, apesar de ter se empregado nas indústrias da capital, concentrara-se em constituir o seu próprio negócio. A maioria tinha um espírito empreendedor de economizar para adquirir o seu estabelecimento. Antonino Vinciprova narra:

Eu fui trabalhar na construção civil. [...] No terceiro dia depois que cheguei [a Porto Alegre] já iniciei a trabalhar. [...] A vida foi melhorando com o passar do tempo. Eu tive a oportunidade de comprar um negócio e nunca mais saí. E assim segui sempre trabalhando com negócio próprio.¹³

Vinciprova primeiramente montou um açougue, depois investiu em uma mercearia onde seguiu trabalhando até se aposentar. Maria Scavuzzo,¹⁴ como Vinciprova, também investiu em um negócio próprio com seu irmão Pedro Scavuzzo. Os irmãos Scavuzzo, antes de abrirem a própria loja, trabalharam como funcionários.

No período do pós-guerra, os peninsulares em Porto Alegre prosseguiram trabalhando, majoritariamente, no comércio.

Cabe ressaltar que a atividade comercial sempre caracterizou os emigrados de *Morano Calabro*, assim como o investimento nesse mesmo

segmento por meridionais de outras regiões, desde o fim do século XIX no núcleo urbano. Algumas famílias moranesas¹⁵ especializaram-se em determinados ramos, como de tecidos, açougues, calçados, secos e molhados, loteria, entre outros. (CONSTANTINO, 2007). Em síntese, o imigrante meridional camponês tornou-se, na sociedade receptora, o comerciante empreendedor e proprietário do próprio estabelecimento.

Outras profissões desempenhadas pelos peninsulares eram: industriário, engenheiro, alfaiate, médico, marceneiro, sapateiro, barbeiro, entre outras atividades relacionadas, especialmente, com os setores secundário e terciário.

A ocupação profissional executada pelas italianas, majoritariamente, se referia às funções domésticas, ou seja, a maioria das mulheres dedicava-se aos afazeres do lar.¹⁶ Muitas italianas, quando se casavam, paravam de trabalhar fora, para se dedicarem aos afazeres domésticos, mas também para ajudar no negócio da família, como comerciantes ou mesmo em outras funções.

No entanto, várias peninsulares exerciam atividades fora de casa como: industriárias, costureiras, comerciantes, modistas, professoras, bancárias, cabeleireiras, entre outras.

Os italianos, portanto, após a Segunda Guerra Mundial, continuaram tendo, em Porto Alegre, um caráter empreendedor. Isto é, a maioria dos imigrantes investiu seu tempo e esforço para constituir o próprio negócio. Assim, os peninsulares estabeleceram seus açougues, suas oficinas (marcenaria, mecânica), casas lotéricas, mercearias, fruteiras, alfaiatarias, barbearias, entre outros empreendimentos direcionados ao varejo.

Considerações finais

Como observado ao longo deste artigo, como no fim do século XIX, os italianos, no decorrer do pós-guerra, prosseguiram se caracterizando como uma imigração espontânea para a capital gaúcha. Aqui encontraram, na maior parte das vezes, possibilidades melhores de vida e puderam se estabelecer com uma vida estável pautada na estrutura familiar. As redes sociais constituídas entre os italianos influenciaram de forma preponderante a entrada de novos conacionais em Porto Alegre.

Assim, as redes construídas pelos imigrantes direcionaram e auxiliaram a inserção dos conterrâneos recém-chegados no mercado profissional do município. A família e os laços de amizade foram o alicerce mais forte que

promoveu a integração do imigrante recém-chegado na sociedade de adoção durante o pós-guerra.

Notas

¹ Regiões: refere-se às unidades territoriais [*Regioni*] na Itália. O país é constituído por 20 Regiões, subdivididas em províncias.

² Triveneto: refere-se às três Regiões italianas, a saber: Veneto, Friuli-Venezia Giulia e Trentino-Alto Adige, situadas no Nordeste do país.

³ *Mezzogiorno*: refere-se ao Sul da Itália.

⁴ O Conselho de Imigração e Colonização (CIC), órgão federal que estava subordinado ao Ministério da Agricultura e também ao Departamento de Colonização e Terra. (FACCHINETTI, 2004, p. 78).

⁵ O Cime foi fundado em 1951, em Bruxelas, e estava incumbido do recrutamento e transporte de imigrantes de diversas nacionalidades europeias. O órgão encarregava-se da pré-seleção e dos cursos profissionalizantes na pátria de origem do imigrante. No Brasil, o Cime assumiu a maioria das funções anteriormente realizadas por autoridades brasileiras. Na Itália, era responsável pela seleção técnica dos candidatos. (FACCHINETTI, 2004, p. 78).

⁶ Em algumas certidões, não constava a cidade natal do imigrante, somente informava a nacionalidade italiana.

⁷ Foram averiguados os dados dos assistidos pelo instituto e que já faleceram. A saber, teve-se acesso a 208 fichas de italianos radicados no Estado do Rio Grande do Sul.

⁸ Rede social é um campo de relações entre indivíduos que pode ser definido por uma variável predeterminada e se referir a qualquer aspecto de uma relação. Uma rede social não é um grupo bem-definido e limitado, senão uma abstração que se

usa para facilitar a descrição de um conjunto de relações em um espaço social dado. Cada pessoa é o centro de uma rede de solidariedade e, ao mesmo tempo, é parte de outras redes. (LOMNITZ, 2009, p. 18).

⁹ MANCUSO, Maria. *Imigração para Porto Alegre* [dez. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e Egiselda Charão. Porto Alegre. Acesso em: mar. 2012, no Laboratório de História Oral da PUCRS.

¹⁰ Ver as obras de FACHINETTI e GOMES. (FACCHINETTI, Luciana. *Parla!:* o imigrante italiano do segundo pós-guerra e seus relatos. São Paulo: Angellara, 2004; GOMES, Angela de Castro (Org.). *História de família:* entre Itália e Brasil. Rio de Janeiro: Muiraquitã, 1999).

¹¹ Os Bairros Navegantes e São João foram criados pela Lei 2.022, de 7/12/1959. No entanto, o primeiro arruamento das imediações do Navegantes data de 1870. Posteriormente, a inauguração da primeira Estação Navegantes, em 1886, interligando Porto Alegre/Novo Hamburgo, favoreceu a dinamização e ocupação da região. Em 1895, a Empresa Territorial Porto-Alegrense realizou um grande loteamento nas áreas do bairro, fomentando a sua habitação. (FRANCO, 1988, p. 284-285).

¹² VINCIPROVA, Antonino. *Imigração para Porto Alegre* [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e Egiselda Charão. Porto Alegre. Acesso em: mar. 2012, no Laboratório de História Oral da PUCRS.

¹³ Idem.

¹⁴ SCAVUZZO, Maria. *Projeto mulheres imigrantes do Mercosul* [abr. 2004].

Entrevistadores: André Andregueti, Luciana de Oliveira e Núncia Santoro de Constantino. Porto Alegre. Acesso em: mar. 2012, no Laboratório de História Oral da PUCRS.

¹⁵ Moraneses: refere-se aos italianos oriundos do município de *Morano*

Calabro, localizado na Região da *Calabria*, Itália.

¹⁶ Muitas italianas, quando se casavam, paravam de trabalhar fora, para se dedicarem aos afazeres domésticos, mas também para ajudar no negócio da família, como comerciantes ou mesmo em outras funções.

Referências

- CAPPELLI, Vittorio. A propósito de imigração e urbanização: correntes migratórias da Itália meridional às “outras Américas”. *Revista de Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 7-37, jul. 2007.
- CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. São Paulo: M. Fontes; Edusp, 1975.
- CERVO, Amado Luiz. *As relações históricas entre Brasil e Itália: o papel da diplomacia*. Brasília: Ed. da UnB, 1992.
- CONEDERA, Leonardo de Oliveira. *A imigração italiana no pós-guerra, em Porto Alegre: memórias, narrativas, identidades de sicilianos*. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/PUC, Porto Alegre, 2012.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moranenses*. Porto Alegre: EST, 2007.
- DE CLEMENTI, Andreina. *Il prezzo della ricostruzione: le emigrazioni italiane nel secondo dopoguerra*. Bari: Laterza, 2010.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacional, 1964.
- FACCHINETTI, Luciana. *Parla! o imigrante italiano do segundo pós-guerra e seus relatos*. São Paulo: Angellara, 2004.
- FORTES, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas*. Caxias do Sul: Educus, 2004.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1988.
- LOMNITZ, Larissa Adler. *Redes sociais, cultura e poder*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.
- PEDROSO, Luciano Fernandes. *O espaço cotidiano dos agregados sociais da Praça da Alfândega em Porto Alegre-RS*. 2007. 137 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências/UFRGS, Porto Alegre, 2007.
- RAMELLA, Franco. Reti sociali, famiglie e strategie migratorie. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Org.). *Storia dell'emigrazione italiana*: Partenze; Roma: Donzelli, 2002. p. 143-160.
- SILVA, Márcia Andréa Schmidt da. *Uma comunidade eslava-ortodoxa: russos e ucranianos em Porto Alegre: 1948-1996*. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/PUCRS, Porto Alegre, 1996.
- SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife*. São Paulo: Nacional, 1968.
- SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização. In: GERTZ, René E. (Org.). *História geral do Rio Grande do Sul: República: da Revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985)*. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 291-313. v. 4.
- TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. *Tempo Social* – Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, jun. 2008.

Fontes orais:

MANCUSO, Maria. *Imigração para Porto Alegre* [dez. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e Egiselda Charão. Porto Alegre.

SCAVUZZO, Maria. *Projeto Mulheres Imigrantes do Mercosul* [abr. 2004].

Entrevistadores: André Andreguetti, Luciana de Oliveira e Núncia Santoro de Constantino. Porto Alegre.

VINCIPROVA, Antonino. *Imigração para Porto Alegre* [abr. 2010]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.